

## AS MATRIARCAS ORIENTAIS: um olhar sobre o feminino no universo das imigrações no Brasil

Sidinalva Maria S. Wawzyniak<sup>1</sup>

*Minha mãe... propôs-lhe o Brasil, país onde a terra fértil precisava de lavradores. Onde os homens ainda não estavam intoxicados de vícios e ódios milenares, onde os estrangeiros eram acolhidos como irmãos e onde o clima era ameno durante o ano todo. Meu pai escutou-a em silêncio pensando na propaganda que destacava as vantagens que o Brasil oferecia. (A.S.I.)*

A imigração pode ser interpretada como o início de uma história para o indivíduo ou para o grupo. Uma busca de caminhos sustentada em projetos de vida; uma aventura que requer mudança de comportamento, entendimento de novos códigos, reformulação da rede de significado cultural e uma disposição para o encontro do 'outro' e para construção de novas relações sociais, "um fato excepcional na trajetória de um determinado grupo social, implicando necessariamente um recomeço".<sup>2</sup>

É nesse contexto de mudança que se inserem as preocupações deste estudo sobre "As matriarcas orientais: um olhar sobre o feminino no universo das imigrações no Brasil", em que se pretendeu privilegiar os recursos culturais acionados por essas imigrantes para a formação de espaços de sua identificação étnica. Em especial, o objetivo é compreender as estratégias de inserção na sociedade nacional e a permanência, ou não, de valores culturais que compõem a representação de imigrantes japoneses e seus descendentes.

---

<sup>1</sup> Doutora pela Universidade Federal do Paraná e Professora Adjunto da Universidade Tuiuti do Paraná

<sup>2</sup> ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias**: um estudo da imigração ucraniana (1895-1995). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999. p.2

## 1. Entrelaçando identificações

A identificação desse grupo de imigrantes apóia-se numa data precisa,<sup>3</sup> 1908, invariavelmente evocada no processo de reafirmação da sua identidade como um fator da composição de sua representação. Afinal, trata-se da chegada da primeira leva de japoneses ao Brasil. Um acontecimento amplamente noticiado pelos meios de comunicação da época, principalmente nas regiões onde eles se instalariam.

Buscar no passado elementos que aprofundam as diferenças entre o modo de vida do imigrante e a população local parece constituir um recurso que demarca simbolicamente as fronteiras entre o conhecido e o desconhecido, segundo relata uma descendente da primeira leva:

O começo foi muito difícil. Ficamos todos juntos em uma casa simples de madeira, com dois quartos, que ficava no alto de um morro. Para tomar banho, tirávamos água do poço, esquentávamos no fogão a lenha e usávamos uma bacia. Na hora de dormir, a gente colocava o futon (colchão japonês) no chão, que fora trazido na viagem. Não tínhamos banheiro. Usávamos um buraco cavado atrás da casa. Um dia vi mamãe chorando escondida. Filha única, ela nunca havia usado uma enxada na vida no Japão e suas mãos tinham ficado cheias de calo. A família dela era mais rica que a do meu pai e, antes de vir, diziam que no Brasil ela só cuidaria da casa. Mentira. Ela também cuidava da casa e ainda trabalhava no cafezal. (Aiko Higuchi).<sup>4</sup>

Já de início, os imigrantes tiveram de traduzir muitos códigos de sua cultura para prover sua sobrevivência no Brasil:

“Acostumados a viver em casas muito limpas e delicadas, tiveram que se habituar às casas toscas, de pau-a-pique e chão de terra batida. As camas foram improvisadas com galhos secos. E o tatami, substituído por sacos de palha de milho. Duas pedras equilibrando uma

---

<sup>3</sup>Entre os elementos constitutivos da memória, Michel Pollak refere-se aos "vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento" como um problema, pois: "Em função da experiência de uma pessoa, de sua inscrição na vida pública, as datas da vida privada e da vida pública vão ser ora assimiladas, ora estritamente separadas, ora vão faltar no relato ou na biografia." No caso desta pesquisa, a data em questão está plenamente assimilada, tanto nas fontes como nos livros de memórias. (POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992).

<sup>4</sup> HIGUCHI, Aiko. Meu pai foi morto pela Shindo Renmei. In: ARAI, Jhony. Viajante do Sol Nascente. São Paulo: Garçoni, 2003. p.103-104

panela servia como fogão. Comiam arroz cozido na banha de porco, que detestavam, carne seca, que nunca tinham visto e chuchu e mamão, abundante no campo”.<sup>5</sup>

Os relatos de mulheres japonesas também revelam as marcas impressas nesse processo de inserção na sociedade nacional:

“No Japão tínhamos uma preocupação com a arrumação da nossa casa, sempre mantinha uma disposição marcada pela leveza e delicadeza da decoração, onde o tempo e o vento estão sempre harmonizando o ambiente”<sup>6</sup>

“Na alimentação sofremos muito para conhecer os alimentos e para prepará-los, foi ensaios e erros, nos deparamos com banha, alho, feijão salgado, hoje já estamos muito bem, adaptamos nosso costumes aos dos brasileiros, comemos feijão salgado, mas comemos ele como sobremesa doce também.”<sup>7</sup>

Essas dificuldades, no entanto, puderam se transformar, para o grupo, em ganhos simbólicos que dizem da capacidade de articulação e associação de novos elementos no cotidiano, como bem coloca Kayoko Matsuzaki<sup>8</sup>: No transcorrer da permanência no Brasil, “minha família foi aos poucos adaptando as receitas japonesas aos ingredientes brasileiros, hoje é comum, não só na minha casa, apreciar uma mesa com pratos que agrega os dois sabores, podemos dizer que são pratos nipobrasileiros”

Por certo, não foi possível, à grande maioria, traduzir, em termos culturais brasileiros muitas das particularidades culturais japonesas. Sato<sup>9</sup> reflete, por exemplo, sobre a perda do senso estético aplicado no próprio arranjo da vida doméstica. Para ela, a estética da cultura nipônica está vinculada ao estilo de vida, aos costumes e hábitos cotidianos, encontra-se no “sentar no *tatami*” ou no fato da casa estar associada ao jardim, “pois se constitui numa unidade, devendo o jardim ser contemplado da sala por alguém [que está] sentado”.<sup>10</sup>

Nesse sentido, é interessante acompanhar, igualmente, as lembranças da família Iwaya quando Soichi Iwaya descreve o impacto de todos diante da casa destinada a sua família na

---

<sup>5</sup> Paraná Shimbun, 20 de junho de 1998, p.8

<sup>6</sup> Entrevista realizada com Luiza K. Sato em Janeiro de 2002.

<sup>7</sup> Luiza K. Sato

<sup>8</sup> Kayoko Matsuzaki, entrevista realizada em 08 de Setembro de 2003.

<sup>9</sup> Luiza K. Sato.

<sup>10</sup> HANDA, **O imigrante...**, op. cit., p.221-233.

fazenda, em São Paulo, (1934) e daquela em que passou a residir em Moji das Cruzes (1937). Saídos de uma aldeia, de casas individuais, sem cercas e envolvidas por áreas de cultivo, foram instalados em moradias homogêneas, cercadas de arame farpado; ao referir-se ao bosque de eucaliptos, pode-se imaginar que evoca a paisagem de sua aldeia:

*Ficamos desapontados quando pisamos o chão batido à frente de vinte e duas casas construídas com tijolos sem reboco. (...) Éramos vinte e duas famílias e as casas enfileiradas umas ao lado das outras iam ligar a nossa convivência. (...) ali os problemas ligavam-se como o arame farpado ao redor das casas destinadas para as famílias que acabava de chegar. O que, porém, reforçou o nosso otimismo foi perceber que, atrás de cada residência, havia um quintal para plantar verduras que seriam colhidas para uso próprio.*

*(...) meado de 1937, mudamos para Moji das Cruzes (...) Meu pai com o apoio de seus patrícios, conseguiu arrendar um sítio... A casa de alvenaria era cercada por bosque de eucaliptos que no verão dava sombra amena e no inverno evitava o sopro excessivo do vento. Não havia comparação com a nossa morada na Fazenda São Domingos.<sup>11</sup>*

A questão das diferenças tanto de habitação, como alimentares, faz parte das lembranças de homens e mulheres, mostrando a importância que exerceram numa possível adaptação daqueles imigrantes.

## 2. Construindo identidade

De qualquer maneira, "lugares, eventos, símbolos" e "histórias particulares"<sup>12</sup> foram tecendo a identificação e a identidade desses grupos, sobretudo de suas mulheres, que, como em todas as culturas, eram responsáveis pela manutenção da estrutura familiar, mesmo em conjunturas muito adversas. Na Era Vargas, por exemplo, houve um retorno das críticas aos grupos estrangeiros motivado pelas políticas governamentais. Em 1938, mediante o Decreto n.º 2.625, que estabelecia "medidas legais vinculadas a um projeto de teor

---

<sup>11</sup> IWAYA, Armando Soichi. **Samurai da Paz**: saga de um imigrante japonês. Curitiba: [s.n.], 1982.

nacionalista" pretendia-se a "total adaptação e assimilação" dos imigrantes e seus descendentes aos valores da sociedade nacional.<sup>13</sup>

Em suas memórias, Yosii<sup>14</sup> oferece detalhes do autoritarismo e da coação exercidos nesse período: *"a autoridade brasileira começou a oprimir a liberdade dos japoneses, impondo várias condições rígidas tais como: não falar japonês em local público, proibir a reunião acima de 3 pessoas, não viajar sem licença prévia.."*. A vigilância e o radicalismo atingiram até mesmo as atividades produtivas, muitas delas exercidas pela mulheres: *"lembro que a seda e a hortelã eram consideradas como munições pelos extremistas sendo que estes (tais 'patriotas') judiavam dos sericicultores incendiando os ranchos de sapé, onde criavam o bicho-da-seda"*.

As diferenças bioculturais colocavam os nipônicos em uma situação de desvantagem em relação às outras etnias, pois eles se distanciavam do padrão apontado nos decretos e nos discursos políticos.<sup>15</sup> A essa desvantagem, como lembra uma escritora japonesa contemporânea, somava-se a idéia ainda corrente de que "os japoneses diferenciam-se sobremaneira dos nacionais, seja moral, social, estética ou economicamente e, por terem outra mentalidade, jamais se afeiçoariam ao Brasil ou contribuiriam para a formação da cultura brasileira".<sup>16</sup>

Nesse momento, os valores culturais das mulheres japonesas funcionaram como um ponto de identificação e apego que serviu para deixar de fora, e distanciar, "para transformar o diferente em 'exterior', em objeto", e assim simbolicamente excluí-lo.<sup>17</sup>

Essa mesma exclusão, porém, se atenuaria, bem como para sua família, e sobretudo seus filhos, após 1945, ao final da Segunda Guerra Mundial, quando houve uma maior visibilidade do imigrante e uma aproximação maior com a população nacional, pois o

---

<sup>12</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.76

<sup>13</sup> HATANAKA, Maria Lúcia Eiko. **O processo judicial da Shindo-remmei**: um fragmento da história dos imigrantes japoneses no Brasil. São Paulo: Fundação Japão, 2002. p.26.

<sup>14</sup> YOSHII Iwao. **O filho do imigrante**. Diário da família Yoshii. Janeiro de 2001

<sup>15</sup> LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986.

<sup>16</sup> HATANAKA, Maria Lúcia Eiko. **O processo judicial da Shindo-remmei**: um fragmento da história dos imigrantes japoneses no Brasil. São Paulo: Fundação Japão, 2002.

<sup>17</sup> HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000. p.110.

confronto, em muitos momentos, provocara o conhecimento do "outro". Inicialmente, conforme a interpretação de Keiko Sishitani, "a imigração japonesa chocou mais do que a de outros povos, porque além da raça mongólica (feição, olhos, cor) a cultura era outra (oriental) e, principalmente, sua religião xintoísta ou budista, os distanciava mais dos outros imigrantes de religião católica ou protestante e tradição européia".<sup>18</sup> Mesmo passado esse "impacto", a inserção deles na sociedade se orientava por limites simbólicos pautados, por exemplo, pelas diferenças físicas: "são traços evidentes, que não existe nenhuma dificuldade em distinguir um japonês, do não japonês".<sup>19</sup> Aos poucos, porém, esses imigrantes foram se tornando mais familiares na sociedade brasileira.

Dados de pesquisa realizada por Toshiaki Saito<sup>20</sup> sobre confronto de identidade na sociedade brasileira demonstram não só os estereótipos, que ao longo da relação de contato foram sendo construídos pela população local e imigrante, mas também a preocupação do nipônico com a imagem construída pelos brasileiros, no decorrer do processo de integração à sociedade. Para Saito, "passadas algumas décadas de convívio, os japoneses servindo como colono, arrendatário, sitiante, e os brasileiros sendo dono, patrão, proprietário, fazendeiro, começaram a surgir as primeiras manifestações verbalizadas de estereotípias, nascidas do encontro de culturas diferentes".<sup>21</sup>

A linguagem simbólica estabelecida no confronto entre as duas culturas marcou a construção da identidade dos imigrantes a partir das imagens estereotipadas do outro. Ao mesmo tempo, permitiu a identificação e a relação entre os dois mundos, a partir do domínio de códigos que passaram a ser manipulados no processo de aproximação e estabelecimento de fronteiras.

Ao acionar os códigos e regras da sua cultura de origem, o imigrante está dando visibilidade aos seus símbolos e representações culturais revelando a sua visão de mundo.

---

<sup>18</sup>ISHITANI, Kaiko. Os 85 anos de imigração japonesa. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 18 jun. 1993. p.35.

<sup>19</sup>ISHITANI, op. cit., p.35.

<sup>20</sup>SAITO, Toshiaki. Brasileiros e japoneses, confronto de identidade. **Boletim do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil**, São Paulo, n.31, junho 1991. p.2.

<sup>21</sup>SAITO, Toshiaki. Brasileiros e japoneses, confronto de identidade. **Boletim do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil**, São Paulo, n.31, junho 1991. P.2

Conseqüentemente, o "outro" vai também desvendando, nessa relação, o seu universo cultural. E, a partir desse "jogo social" e dessa "troca simbólica", vão surgindo e sendo mantidas as relações de reciprocidade com outros grupos. A comunicação viabiliza, assim, aos imigrantes japoneses, a saída da condição de isolamento sociocultural e espacial para a condição de participante do universo social em que se encontra inserido. Cheiko Aoki, já familiarizada com os esteriótipos da mulher ocidental, dá o seu testemunho:

Dois anos depois, nos mudamos para São Paulo e deixamos de conviver com a colônia. Talvez até por isso todos aprendemos a falar português muito rapidamente. Os esforços dos meus pais deram certo: eu e meus dois irmãos nos formamos na Universidade de São Paulo.<sup>22</sup>

Eu me casei com um japonês que me introduziu no ramo da hotelaria, mas se o destino não tivesse me colocado nesse caminho, teria iniciado qualquer outra carreira. (...) Não foi fácil ocupar uma posição de comando num mundo dominado por homens. Sempre contornei as circunstâncias mais difíceis atuando com a feminilidade natural da mulher, a arma mais eficaz que temos. As mulheres têm uma habilidade intuitiva e maior facilidade de trabalhar em equipe que os homens.<sup>23</sup>

Na construção da identidade, a preocupação encontra-se voltada para "quem nós podemos nos tornar, como nós temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios". Esse questionamento diz respeito não só à tradição, mas à "invenção da tradição"; o imigrante está, a todo o momento, dialogando com o seu passado e avaliando o seu presente ou, como coloca Hall, revendo sua rota.

A essa dinâmica agrega-se também a "dimensão mutável da identidade", isto é, a perspectiva da transformação em decorrência do processo de contatos culturais e de conjunturas locais, o que possibilita – ou muitas vezes impõe – que os imigrantes acionem estratégias identitárias para atingir seus objetivos nas diversas esferas da vida:

O japonês é um grande prestador de serviços. Quando eu era pequena, não gostava de propagandas envolvendo orientais que diziam 'é garantido né'? Mas depois vi que isso era uma grande bobagem.

---

<sup>22</sup> AOKI, Chieko In: ARAI, Jhony. Viajante do Sol Nascente. São Paulo: Garçoni, 2003. p. 223

<sup>23</sup> AOKI, op. cit., p. 223

Temos ótimos titureiros, floristas e agricultores de origem japonesa. Esse é o meu background. Fazer com dedicação é uma vocação oriental.<sup>24</sup>

A construção da identidade do imigrante "situa-se sempre no cruzamento da representação que ele dá de si mesmo e da credibilidade atribuída ou recusada pelos outros a essa representação".<sup>25</sup> A identidade é pois uma categoria que estabelece diferença, demarca espaço e fronteiras entre as pessoas ou grupos sociais. Ela é caracterizada em sua relação com o conceito de alteridade, inclusão e exclusão, e está vinculada às relações constituídas pelos grupos no interior dos mundos sociais.

### 3. “Tradução” cultural

Outro aspecto relevante para a identificação dos imigrantes em um novo território é o que se poderia chamar a “tradução” de sua cultura de origem. Sendo a cultura uma teia de significados construídos em um contexto histórico específico, é compreensível que o imigrante, fora do seu país de origem, tente construir uma representação da sua cultura a partir de uma memória "constituente do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva", pois ela é um fator de sentimento "de continuidade e de coerência de uma pessoa ou grupo em sua construção de si".<sup>26</sup> Portanto, na reconstituição de seus valores culturais, ou no processo de transmissão, o imigrante procura, também, reconstruir uma representação a partir de uma realidade que já mudou e que pode não mais existir em si mesma.

A cultura de origem dos imigrantes em situações de contato não se "perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste".<sup>27</sup> Essa realidade, de certa forma, impõe aos imigrantes uma pluralidade cultural, ao mesmo tempo em que ele tem de responder a sua situação

---

<sup>24</sup> AOKI, op. cit., p. 226.

<sup>25</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. P.112

<sup>26</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992. p. 204

<sup>27</sup> CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense/Editora USP, 1986. p.99.



específica. Nesses momentos se estabelece um processo de trocas sociais, os nipônicos selecionam elementos que podem ser inseridos ou acrescentados aos seus valores culturais aproximando e dando visibilidade aos traços distintivos.

No caso do gênero feminino, alguns aspectos culturais são importantes de serem ressaltados, na medida em que eles demonstram como os valores culturais dos imigrantes japoneses foram sendo traduzidos no comportamento desenvolvido durante o processo de interação com a sociedade de adoção.

Para as japonesas, "o autocontrole e autodomínio" por exemplo, são características que devem ser apreciadas no julgamento dos indivíduos. Segundo Benedict "somente através de um treinamento mental (ou autodisciplina, *shuyo*) pode um homem ou mulher adquirir o poder de viver plenamente e 'alcançar o gosto da vida'. (...) A autodisciplina cria a barriga (a sede do controle), ampliando a vida".<sup>28</sup> A disciplina como um valor orienta o comportamento das mulheres japonesas em todas as dimensões sociais que lhes são caras: na família, na escola, no trabalho e na religiosidade. No Brasil, os imigrantes se referem à disciplina como uma característica distintiva de ser japonês. Para isso se unem, marido e mulher:

Meus pais sempre ficaram atentos ao meu comportamento, não podia esquecer de me comportar direitinho, em muitos momentos queria ser como os meninos brasileiros, mas eles não deixavam. Controlava tudo que eu fazia até quando casei. E eu sempre fui uma pessoa muito correta na escola, no trabalho e principalmente em casa. (K.N.)

A hierarquia é um outro aspecto que regula o comportamento dos nipônicos. Eles "organizam o seu mundo" tendo como referência a hierarquia, "na família e nas relações pessoais, idade, geração, sexo e classe ditam a conduta devida".<sup>29</sup> Esse aspecto traduz-se em um valor de fidelidade e lealdade que acompanha os indivíduos e define as suas relações de filho, de pai, de empregado, de patrão, de marido e de esposa. Na família patriarcal japonesa, a estrutura hierárquica estabelece a função de cada membro do grupo, tendo o pai como autoridade máxima. Ele é referendado por todos e os membros estão sob o seu comando; em

---

<sup>28</sup>BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**: padrões da cultura japonesa. São Paulo: Perspectiva, 1988.P.197

<sup>29</sup>BENEDIC, op. cit., p.84.

seguida, o primogênito tem a função de manter o legado do *ie*, a ele cabe a responsabilidade com os pais, a preservação do nome e da honra do grupo. Para a esposa e mãe, esse comportamento de obediência, dedicação e lealdade não se reduz ao *ie*, mas se estende a todas as relações que os indivíduos vão construindo fora do lar, uma estrutura sustentada na obediência, nas obrigações (*on*) que coloca todos num circuito social baseado em dádivas.

É nessa representação simbólica do grupo, que as mulheres nipônicas ajudam a criar *microsociedades*, que possibilitaram o estabelecimento de pontos de referências que permitiram ao seu gênero compartilhar e trocar experiências, no processo de inserção e sociabilidade no interior da sociedade local. Esses espaços encontram-se situados a meio caminho entre a esfera pública e privada, tanto no interior de suas casas, como clubes e associações comunitárias.<sup>30</sup> Enfim, elas foram entrelaçando, e continuam a entrelaçar todos esses elementos, no todo ou em parte, para fortalecer cada um dos valores de que lançaram mãos – família, trabalho, educação e religião – no processo de identificação de sua etnicidade.

---

<sup>30</sup>FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidade. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p.27